

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

Propriedade de Sabbas Costa

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez 500
Pagamento adiantado

Publicação semanal
STA. CATHARINA--Desterro, 1 de Outubro de 1888

Escriptorio da Redacção,
á rua do Senado
N. 17

N. 24

COLLABORADORES

DD. Delminda Silveira, Revocata H. de Mello (Rio Grande), Ibrantina de Oliveira, Alice de Alencar (Montevideo) e Ubaldina A. de Oliveira, Silvio Pellico, Bernardino Varella, Dr. Méseder, Carlos de Faria, Pedro Goudel, Timotheo Maia, Ernesto Pires, Brigido Peivoto e Sabbas Costa.

CREPUSCULO

Desterro, 1 de Outubro

VALENTIM MAGALHÃES

Outra vez o talentosissimo jornalista Alfredo Conrado veio-nos proporcionar a leitura agradável de um artigo de merito que sobre o poeta brasileiro Valentim Magalhães fez sahir publicado no «Brazil», importante diario de Montevideo.

O delicioso poeta, o poeta que sente quando escreve inspirações ardentes e scintilantes, o poeta que soltando de seus labios macios, como velludo, a voz poetica de seus versos faz palpitar, faz inebriar, faz fascinar o coração do leitor, emfim, Valentim Magalhães, poeta de intensa fecundidade, poeta cheio de luz e cheio de harmonia, honra o Brazil e dá nome a sua provincia!

Sentimos quando lemos um verso de Valentim Magalhães uma inspiração enorme, pois que são tão bem burilados e ornados de bellas rimas que o leitor não pôde deixar de emocionar-se...

A poesia, a poesia, a chave de ouro deste seculo, nunca deve deixar de apparecer entre aquelles que comprehendem-na, que sabem dar valor a um talento immensamente fulgurante e a uma inspiração de impressões largas e apreciadas com toda a calma de espirito e com a alma aberta a receber os sons harmoniosos das phrases eloquentes de Magalhães.

Recommendamos o artigo, que abaixo damos, aos queridos leitores.

Poetas e Poesias

VALENTIM MAGALHÃES

II

E' fóra de duvida a influencia, que Guerra Junqueiro e Gonçalves Crespo exerceram e exercem ainda hoje sobre os noveis poetas portuguezes e por contra choque natural sobre os nossos poetas.

A poesia atrevida e ironica do auctor da *Morte de D. João* e da *Velhice do Padre Eterno*, ascendendo ao azul, tocando as estrellas, e indo em boa intimidade com Hugo e Musset encher a taça de ouro na espumosa e crystallina fonte de Hypocrene, ou outras vezes descendo aos infernos e á atmosphera putrida dos pantanos como o tenebroso bardo florentino ou indo para as salas do café cantante recitar ardentes e sensuaes madrigaes ás Imperias voluptuosas e encantadoras;—e a poesia leve, vaporosa e bem trabalhada do delicado cinzelador das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*, onde cada verso e cada estrophe tem a perfeição e o lavor artistico dos bronzes da Renascença,—deviam forçosamente deslumbra o espirito ainda indeciso e fluctuante dos que pela primeira vez poetavam, sem rumo e sem aquelle escriptor, que mais parecia estar em harmonia com suas tendencias e com seu temperamento.

Dos que mais soffreram esse jugo antes de acharem a sua nota pessoal como poeta, foram Jayme de Segniér e Joaquim de Arango em Portugal, Alberto de Oliveira em seus primeiros versos, Fontoura Xavier e Valentim Magalhães no Brazil.

Lendo-se os *Cantos e Luctas* a cada momento vêm-nos á idéa, as estrophes cheias de fogo, de inspiração e de malicia do poeta da *Musa em férias* e da *Morte de D. João*. Com isso não vá algum leitor mal intencionado pensar que accusamos de plagiario a Valentim. Deus nos livre de tal pensamento! O que dizemos pura e simplesmente é que o nosso poeta deixou-se por tal modo influenciar nesse livro por Guerra Junqueiro, que sem plagial-o, imita muito e muito o grande rimador portuguez. Couza muito desculpavel em quem começa a escrever, e que necessariamente tem passado por todos os que têm tido uma lyra ou uma penna entre os dedos.

—E' sempre esse o *debut*. Só mais tarde tendo findado as primeiras sorpresas e as primeiras titubações de principiante, é que o escriptor ou o poeta dotado de real e verdadeiro talento envereda a estrada com passo mais firme e mais seguro e se-

que desassombrado o caminho da originalidade.

Entretanto, apesar dessa falta de personalidade, que somos dos primeiros á desculpar nesse livro de Valentim Magalhães, os *Cantos e Luctas* não têm as trivialidades e o prosaismo chato com que vêm envoltas actualmente muitas obras em verso.—E' com prazer que relemos alguns do seus poemas e que inferimos a idéa de que temos um poeta pela proa.—D'entre as composições, que formam parte dos *Cantos e Luctas*, innegavelmente *Os Dous Edifictos* é a melhor, a mais palpitante e a mais inspirada. Quando mais nada houvesse no livro, que nos podesse dar amostras do talento de Valentim, bastavam esses esplendidos tercetos para que d'elle ficassemos fazendo bom juizo. E' realmente extraordinario e fiel o contraste, que faz essa escola defronte da cadeia. E são profundas e amargamente exactas as reflexões do velho condemnado, quando da janella gradeada contempla immovel essa alluviação de creanças rosadas, louras, inquietas, buliçosas, que alegremente tagarellam e sabem da escola gritando e em confusão, pulando e rindo. Que philosophia e doloroso pezar existe n'esta phrase moldada em soberbo alexandrino, quando o prisioneiro triste

Murmura surdamente: « Eu nunca soube lêr ! »

Depois dos *Cantos e Luctas* de um poemeto—*Colombo e Nenê*, Valentim não tem em volume publicado mais nenhuma collecção de versos; mas nem por isso abandonou as Musas, porque temos tido o prazer de lêr muitas estrophes suas na *Semana*, na *Ilustração*, no *Diario Mercantil* de S. Paulo, na *Gazeta de Noticias* e em varios almanachs litterarios editados em Lisboa e no Rio de Janeiro. E com jubilo dizemos, que Valentim deixou as indecisões e fluctuações do seu primitivo modo de sêr, libertou-se das influencias exteriores e do enervante e poderoso jugo de Junqueiro, e dá-nos agora uma poesia mais nova, mais tiful e mais colorida e que sem mesmo lermos a assignatura nos traz á mente que seu autor é:—Valentim Magalhães.

Para não citar outras, o que roubaria mais espaço neste jornal, do que o que nos é dado occupar basta-nos para fazer-se uma idéa de quanto progredia o auctor dos *Cantos e Luctas*, transcrevermos algumas das bellissimas e sonoras estrophes da poesia incerta no *Almanach Vassourense* para 1888, e que traz por titulo:

A UM FELIZ

Feliz tu, mouge austero, corpo morto,
Com um'alma apenas viva para a prece:
Que esgotas, em silencio, no teu horto,
A miseria que os homens envilece.

Feliz tu, que na gelida estamemha
Amortalhaste o coração revel,
Que mais adora quanto mais desdenha,
E quanto mais magoado—mais fiel.

Ferreiro eterno a martelar nos peitos,
Forjando sempre sonhos e esperanças;
Sonhos que vão em lagrymas desfeitos,
Esperanças que são desesperanças.

Feliz tu que o não sentes palpitando,
Hoje querendo o que amanhã não quer,
Pela mulher soffrendo e agonizando
E a cantar e a viver—pela mulher.

Hoje, por uma, dôres padecendo—
E por outra amanhã saltando e rindo,
Enlouquecendo e desenlouquecendo...
Que infindo gozo e que supplicio infindo!

Feliz tu, que a não viste, nem conheces
Aquelles grandes olhos sensuaes...
E, ferido por elles não padeces,
Como eu padeço, dôres infernaes.

III

Sem embargo do que acabamos de dizer, não é como poeta, que mais admiramos o robusto talento de Valentim Magalhães. Temos antes maior predilecção pelo prosador elegante, colorido e phantasia, que escreveu as scintillantes e correctas *Notas á margem* do que pelo lyric revolucionario dos *Cantos e Luctas*, e de outros versos. Com effeito, foi com essas esculpturaes e bem tecidas chronicas trabalhadas dia a dia com o amor e a paciencia

de um verdadeiro artista, e com seus delicados contos cheios de graça e de verve, apparecidos de vez em quando na septima e na oitava columnas do jornal, que Valentim fez na *Gazeta de Noticias*, a sua reputação de escriptor, e conseguiu occupar saliente e merecido lugar entre os litteratos da nova geração brasileira

E' pena que as *Notas á margem* não tenham sido colleccionadas em volume, e que vissem a vida ephemera dos artigos esparsos nas folhas de um jornal, que depois de lidos são postos a um canto do quarto e ahi ficam eternamente olvidados.

Valentim foi, pôde-se dizer, o introductor entre nós da chronica elegante, adreçada e saltitante, cheia de phrases que seduzem com a maliciosa graça e picaresca desenvoltura de uma *grisette* dos tempos de Paul de Koch, de periodos que cantam bregeiras cançonetas como *Theo* e a *Judic* e de palavras que fazem troça e inventam mil diabruras como dois travessos e espirituosos estudantes. Muitas vezes, o assumpto era ingrato ou antes escasso, devido mesmo a nossa limitada esphera de acontecimentos mundanos; entretanto o chronista para cumprir com os seus leitores e para bem servir o patrão tinha de tirar duas ou tres idéas, de ir arranca-las do fundo do seu tinteiro, de trazel-as triumphante para o papel e de estendel-as por cinco ou seis tiras, pontilhando-as de vigorosos adjectivos e de criteriosos e bem cabidos commentarios. E foi sempre nesses momentos difficeis, que Valentim mostrou todos os recursos de que dispunha e que quasi sempre sabio victorioso escrevendo uma prosa cujo estylo pôde ser comparado, servindo-nos de uma imagem do poeta de *Albertus*, a um rio de America que corra varrendo ilhas de flôres em seu curso harmonioso e lento.

Valentim produz com extrema facilidade e nós mais de uma vez fomos testemunha d'isso, pois estando em seu escriptorio de advogado, vimol-o escrever *Notas á margem*, enquanto fumava um cigarro e nos dava tres dedos de conversação.

Ao vêr na rua do Ouvidor, esse sympa-

thico e moreno rapaz, de pince-nez mais azulado cavalgando sobre o nariz, quasi imberbe, de figura insignificante, sempre janota, elegante e com ares de indifferente—ninguem dirá, que é elle, quem escreve a irizada e bem fundida prosa com que nos regalamos todas as manhãs ao lermos nosso jornal, commodamente recostados na nossa cadeira de balanço.

ALBERTO CONRADO

Lição inesperada

(LINGUAGEM TERRENA)

Alfredo era mocinho...

Nascido n'esta cidade, que tem sido alvo dos sarcasmos dos imbecis desconhecidos, vindos da Côrte, ou de qualquer outro centro mais populoso e galhardo,—nunca d'ella se affastára.

Era por isso acanhado e modesto, não obstante ter cursado aulas secundarias e feito exames de diversas linguas e sciencias.

Bastantes vezes ornava paginas de muitos jornaes com seus escriptos litterarios, que, apesar de não terem as resplandencias ideaes das produções dos grandes escriptores, todavia agradavam muitissimo...

Excepcional tornava-se a occasião em que eu e elle não andassemos juntos, ora em passeios, ora em reuniões soffriveis.

Um dia — seriam onze horas — elle veio á minha casa, como de costume, e combinámos ir á Praça. Sahimos...

E então chegados que fomos ahi, teve Alfredo vontade de jogar uma partida de bilhar e convidou-me a entrar no respectivo salão.

N'esse instante chegavam tambem

Abre-se a porta «sanavivaria» e são apresentadas ao povo as duas moças christãs.

Entram abraçadas: a desgraça lhes tem nivado as condições.

Ambas recusam as fitas com que pretendem adornal-as para o martyrio, e formosas, tranquilladas como duas irmãs que se entretivessem em intimas confidencias, encaminham-se para o meio do circo e ahi esperam a morte.

Eis como a Historia nos conta a morte de Perpetua (HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, tomo V, pag. 432):

«Quando despiram Perpetua e Felicidade para as envolver em redes e expol-as a uma vacu raivosa, o povo estremeceu de horror ao vêr uma tão delicada e a outra mal convalescida de parto.

«Foram, pois, retiradas e cobertas com amplas roupas.

«Perpetua, atacada primeiro, cahio de costas: sentou-selogo na arena e vendo que de um lado se lhe tinha rasgado as roupas, puxou-as para cobrir uma côxa, mais occupada do pudor que do soffrimento. Juntou os cabellos que se lhe tinham soltado, para não parecer estar de lucto e vendo Felicidade estendida deu-lhe a mão para ajudar a erguer-se.

8 ROMANCE DO "CREPUSCULO"

AS NOITES DE VERÃO

POR
DAMASCENO VIEIRA

As martyres

II

Em poucos minutos, só restam d'aquelles homens montões de cadaveres, que são arrastados para a porta «mortuaria» pelos «confectores» e atirados para o «spoliario». Ahi alguém se encarrega de, com um malho, esmigalhar a cabeça do infortunado combatente que ainda sobrevive áquella horrivel carnificina.

Revolve-se de novo a areia, para que sejam desfeitos os grandes lagos de sangue, e a festa continúa, no meio de entusiasticos applausos e ao som ruidoso e alegre dos instrumentos.

Os combates variam de especie para que mais bello se torne o divertimento; a variedade deleita!

Os gladiadores estão divididos em classes, conforme a maneira por que luctam.

Os «pugilistas» aggridem-se a pé e maltratam-se violentamente com pesadas manôplas de

chumbo; os «essedarios» combatem de carro, entrechocando-se na desenfreada carreira; os «mirmillones» servem-se de enormes e afiadas foices, os «reciarios» manejam fortes e aguçados tridentes de ferro; os «laquearios» fazem uso do laço com que reciprocamente se entorcem; os «bimacarios» batem-se com duas espadas, uma em cada mão; os «equestres» envolvem-se na sanguinolenta pugna cavalgando robustos ginetes, e finalmente os «andabatas», tambem montados a cavallo, despertam geral contentamento porque combatem de olhos vendados, ás cegas, derribando-se, ferindo-se e morrendo sem se conhecerem!

Arrastados os mortos, esmigalhados os moribundos e premiados os vencedores ou com a liberdade se são escravos, ou com corôas de louro ou com dinheiro, revolve-se de novo a ensanguentada areia para que nenhum vestigio se conserve do que n'ella se passa.

III

O bom imperador não dá ainda por concluida a magnifica festa: ordena que sejam trazidos á arena os «bestiarios», os infelizes christãos destinados a servir de pasto ás feras.

tres moços trazidos do mesmo desejo de Alfredo...

E como eram tres, um destes se dirigio ao meu amigo, e perguntou-lhe laconicamente:

— Quer entrar na parti la ? Eu serei seu «parceiro»...

— Com prazer... respondeu Alfredo.

Não conheciamos os jovens jogadores, mas nem por isso deixámos de prestar-lhes as homenagens respeitadas, conforme a civilidade...

«Somos uns forasteiros «pomadas», uns verdadeiros mascates, a quem vocês dão o nome de—Cometas...», pareciam dizer-me as véstes dos mancebos, e mesmo os gestos e articulações, que eram de perfeitos «bilontras»...

A principio a partida corria bem. Quando, porém, já um «rosario» no segundo «cordão» levavam de vencida Alfredo e seu «parceiro», começaram a ser pronunciadas pelos seus adversarios algumas palavras ironicas atiradas ao meu amigo, e entrelaçadas de gargalhadas zombeteiras.

Alfredo fazia não perceber o audaz atrevimento de que estava sendo alvo, e conservou-se callado e cheio de prudencia.

Terminou a partida.

—Vamos outra, propoz um dos «bilontras».

—Menos commigo,—atalhou Alfredo,—porque estou cansado, e mesmo porque já sou-lhes gratissimo pela preciosissima lição que me acabam de dar...

—Lição ?! Oh !... oh !...

—Digo que agradeço-lhes a lição preciosissima,—continuou firmemente Alfredo; 1º, porque acabo de aprender a tratar a outrem com a espirituosa «gentileza» e invejavel «cavalheirismo» usados na Côte; 2º, porque durante esse pequeno lapso de tempo que passei entre os senhores foi sufficiente para scientificar-me da verdadeira philosophia que encerra o adagio—«Nem tudo que brilha é ouro».—Agradeço-lhes, pois, a lição inesperada !

E sahimos...

PEDRO GOUDEL

Poemetos em prosa

CONGRESSO DE SABIOS

Convocou-se um dia (onde e em que tempo não se sabe) um Congresso de sabios para a discussão do eterno problema da morte.

Reunio-se o congresso n'uma ilha denominada — «A ilha dos mortos», onde se elevava um palacio de cantaria negra de largas janellas com vidraçaria côr de sangue, e angulado de torreões brancos.

Contavam os navegantes que, quando de longe avistavam a ilha ouviam

bimbalhar os sinos naquelles torreões, e que, á luz do sol poente, tomava côres extranhas a vidraçaria vermelha do negro palacio.

Donde proveio, porém, o nome funebre daquella ilha ?

A um encanecido lobo do mar ouvi dizer eu —alli se haviam dado scenas tragicas de sangue.

A' noite, no palacio, ouviam-se gritos ullutantes de vingança; por traz dos vidros vermelhos appareciam e desapareciam brandões de sinistra chama; e de echo em echo rolava o som forte de uma trompa.

Lenda amistosa a da «Ilha dos Mortos» !

Entretanto os sabios escolheram o «palacio negro» para o tremendo congresso em que se ia discutir o eterno problema da morte.

Porque meios vieram os sabios abicar a essa ilha, não se sabe; o certo é que, apenas bateu meia noite em um dos torreões, no «salão das sombras» do palacio, appareceram velhas cabeças calvas de muitos sabios do mundo.

Acclamou-se um presidente e abriu-se o congresso.

O presidente leu um discurso sobre «a origem e o fim do homem», e por fim apresentou á sabedoria do congresso o eterno problema da morte.

Espantoso desenlace !

O velho sabio, ao propôr semelhante questão, vio-se reduzido a um perfeito esqueleto, pois que pelle, carne, musculo, roupa, tudo desapareceu phantasticamente.

Aconteceu o mesmo a todos os membros do congresso.

Desconfiados e mudos, entreolharam-se mutuamente.—Eram todos esqueletos !

Os sabios por fim acharam interessante aquelle caso extraordinario, e cascalharam uma formidavel gargalhada que, segundo reza a lenda da Ilha dos Mortos, dura ainda até hoje.

E assim ficou adiada a discussão do eterno problema da morte.

WENCESLAU DE QUEIROZ

Romantismo

A S. O.

Ha pouco a aurora, offuscada pela luz penetrante do sol, occultou-se no regaço tepido da immensidade...

Um ether, que faz bem a gente, e que dá vida ás flôres, espraia-se pelo espaço...

A natureza enflora com um sorriso doce, sorriso de loiras creanças, toda humanidade, toda prolongamento das mattas que vestem-se de boninas...

Voam candidas rolas, essas alvordas loirejantes, como uma esperança que canta...

O mar, a «mater dolorosa» das ondas crystalinas, enfia dentro de si um punhal agudo d'um silencio profundo...

A phosphorecencia transparente e causticante da luz do sol confortabilisa-me, dá viço ás flôres, dá fortidão ás arvores, que sem ella vão morrendo a medo como morre um perfume colhido das primaveras !

E quanto mais viço ganham as flôres, mais o céu, pallio de luz que nos encobre, fulgura-se e mais encanto ganha !...

Como é bello fictar-se com a alma tranquilla e o coração mergulhado n'um sorvedoiro de luz e o Ideal folgando na alcova do Futuro, uma riquissima manhã de primavera !...

Quando eu a ficto, tendo no peito um meteoro de alegria, julgo fictar o rei do universo:—Deus !

Os caminhos murmurantes, sussurram uns soluços ideaes e suaves como uns sorrisos, vibrantes como uns trinados !...

Caem no chão as folhas seccas como um raio de luz que cahe do infinito.

O esbraseamento que arde, que suffoca, que palpita, que mata, faz a terra brotar uma poeira tão fina que entra nos póros—e entra no Ideal.

As borboletas mansas como grupos de sóes por sobre rios pousando, sugam o mel dos lyrios, doudejam nas claras aguas das fontes...

Contemplava-as absorto, como quem contempla um prisma de alvoradas !

Só em vel-as senti o coração agitar-se e a alma afogada n'aquelle grupo que pensava ser uma myriade de estrellas que viessem aformosear a terra !...

Os arvoredos ostentam-se de folhagens reverberantes, folhagens cheias de effluvios e cheias de luz...

A açucena, campa de crystal aberta sobre a terra, dá seus perfumes a brisa que gorgeando notas febricitantes vòta alegremente ás bandas de outros mundos !...

Voaram céo a fóra as minhas esperanças porque quem vê o surgir e o esconder da aurora não pensa mais no futuro, porque n'este instante a alma só contempla o presente e o Ideal refunde-se no passado !...

Aos castos passarinhos que brincam á luz do sol, que cantam á luz da lua, conduzem aos ninhos berços de arminhos e de sóes, ramos de folhas verdes: alimentam-se e dão de comer a virginal avesinha que ha tres dias vio a luz do mundo, a luz da vida, que é mais que tudo, mais que o proprio mundo !...

As formigas, obreiras infatigaveis, roubam as folhas das rosas e as das madresilvas...

Sublime visão !

Ha outras tantas cousas que a penna não descreve, porque a natureza presenteia-nos tantas visões radiosas, que só ella propria, com a penna molhada n'uma tinta côr da aurora e côr das nuvens crepusculares, descreveria correctamente.

Emfim, toda a amplidão do céu e toda a amplidão da terra são dois mundos de luz que nos embriagam !...

SABBAS COSTA

Desterro, 24—Setembro—88.

PEROLAS DE OPHIR

Longe de ti

A F. M.

Longe de ti, bem longe, suspirando
Passo as horas em languido scismar,
E a dôr que n'alma sinto me augmentar
Vai, aos poucos, febril, me acabrunhando.

Longe de ti, bem longe, meditando
Sob o peso da dôr, de atroz penar,
Sinto meu peito em prantos soluçar,
E o coração em lágrimas vibrando.

Agora triste, pallida e chorosa
Afflicta a soluçar n'esta soidade,
Sinto a ausencia de tua voz maviosa.

Sinto minh'alma em luto, dolorosa,
Mergulhada nas maguas da saudade
Pensando sempre em ti triste e saudosa.

UBALBINA A. DE OLIVEIRA

Desterro, 27—9—88.

Treno

Descahe a tarde mimosa,
Nas amplidões do occidente;
Vai cantando docemente
A lympha pura e saudosa.

Ave Maria, chorosa,
Triste, sôa brandamente;
Solta a virgem mais gemente
Sua prece fervorosa.

Fogem ao bosque as rolinhas;
Cahe o orvalho nas florinhas
Das campinas verdejantes.

Surgem astros n'amplidão,
Me trazendo ao coração
Mil saudades palpitantes.

IBRANTINA DE OLIVEIRA

Desterro, 1888.

NOTICIARIO

PASTA

O nosso sincero, quão apreciavel e digno amigo, poeta Carlos de Faria, offereceu gentilmente á esta redacção, uma lindissima pasta.

Não podemos, tal é o immenso jubilo de que estamos possuidos, deixar de manifestar a tão mavioso poeta os nossos mais humildes e cordiaes votos de gratidão e amizade.

O poeta dos «Meteoros» sempre foi nosso dedicado collaborador, e portanto quer, como prova de gratidão, a offerta elevada de que fomos alvos, quer como attenção a essa ultima gentileza, apenas podemos exclamar ao illustre poeta dos «Meteoros»—«Away» !

Chegou, no dia 25 do mez passado, do norte da provincia, no paquete «Humaytá», o illustrado Sr. Dr. Augusto Fausto de Souza Junior, honestissimo Inspector das Terras e Colonisação.

Nossos cumprimentos a tão illustre funcionario.

— No dia 28 do mesmo mez regressou a esta capital, da Côte, o sincero e distincto negociante Sr. João dos Santos Mendonça, que fôra buscar novo sortimento para a sua acreditada casa—A Fonte da Juventude.

Comprimntamos.

ALBUM DE PARABENS

No dia 28 do mez findo entrou nas suas 24 ridentissimas primaveras da vida, o joven funcionario do correio Sr. Manoel Luiz do Livramento, moço de bons costumes e bastante delicado. Abraços.

—No dia 17 do mez que hontem findou-se, o nosso inspirado collega, a cujo talento rendemos homenagens,

sr. Francisco Cardona, proprietario e redactor da «Revista Popular», jornal de grande apreço e de geral conceito.

E' tal o prazer que possuimos que nos captiva e que inspira—que sentimos não poder contemplar o collega para abraçal-o, para apertar-lhe as mãos limpidas e cheias de luz que brotam perolas finissimas, joias coruscantes: são os seus escriptos !

De longe, portanto, abraçamos ao nobre amigo, que, embora immerecidamente, tem-nos dispensado innumerables gentilezas, e lhe enviamos, com coração alegre e os olhos fitos n'um prisma de ardentes prazeres, mil saudações pelas prosperidades da sua excellent «Revista».

A' l'avenir ! Away !

O nosso collega da «Revista Popular», de Pelotas, refere-se ao anniversario do nosso talentoso collaborador Timotheo Maia, da seguinte maneira.

«A 22 de Agosto fez 25 annos inspirado yate desterrense sr. Timotheo Maia, nosso afeiçoado collaborador.

«Timotheo Maia é um dos mais valentes escriptores do «Crepusculo», um dos mais fortes e melhores jornaes litterarios que se publicam no Brazil.

«Saudando-o, agradecemos-lhe a dedicatória de sua poesia — A MINHA MUSA— que fez publicar em Santa Catharina, a qual reproduziremos logo que nos seja possivel fazel-o.»

Completo, no dia 26 do mez passado, 10 annos que falleceu a eminent e distincta poetisa rio-grandense, Amelia Figuerôa, cujo talento sempre primou por ser tão amplo quão digno de apreço.

Acha-se enferma a illustrada e conhecida escriptora, D. Julia Cavalcanti, collaboradora da importante «Revista Popular».

Que muito breve se restabeleça, são estes os nossos sinceros votos.